

## **E AGORA JOSÉ, ÁLCOOL E DIREÇÃO COMBINAM? Reflexões de residentes a partir da construção e condução de um caso em sala de aula**

Roberta Rochelle Souza André <sup>1</sup>

Vanessa Cristina Bento <sup>2</sup>

Michel François dos Reis Ferreira <sup>3</sup>

Stefannie de Sá Ibraim <sup>4</sup>

A formação de professores é complexa, sendo necessária mais do que uma experiência teórica. Assim, é importante que os licenciandos tenham também experiências práticas (TARDIF, 2014). Dentro dessa perspectiva, o programa Residência Pedagógica (RP) surge ampliando as possibilidades dos residentes, licenciandos integrantes do RP, desenvolverem saberes docentes por meio da imersão na educação básica (Brasil, 2020, p.1). Diante disso, Ibraim e Corrêa (2023) ressaltam a importância da RP para proporcionar mais experiências práticas, visto que, em geral, ao serem inseridos nos estágios, os licenciandos podem concentrar suas atividades somente em aspectos burocráticos e disciplinares, não se envolvendo em processos reflexivos relacionados a sua profissionalização.

Além disso, Tardif (2014) aponta que os diferentes saberes dos professores, não são provenientes apenas de sua formação profissional, mas são advindos de um conjunto de conhecimentos e experiências que estão ligados a vivências familiares, escolares, culturais, sociais e psicológicas. Nesse sentido, a RP se configura como um espaço que oportuniza aos licenciandos condições de mobilizarem seus saberes em contextos reais, de forma que contribuam para a construção de sua identidade docente (TARDIF, 2014). A mobilização destes saberes durante o ciclo pedagógico, somados aos movimentos de reflexão para, na e sobre a ação (SCHÖN, 1991), corroboram o desenvolvimento dos saberes dos licenciandos e, consequentemente, contribuem para sua atuação futura (IBRAIM; CORRÊA 2023).

Frente a tais considerações, neste trabalho, temos por objetivo apresentar um relato de duas residentes, no qual são expressas as reflexões para, na e sobre a construção e a realização de uma atividade envolvendo um caso. Consideramos que essa discussão pode contribuir para reflexões relacionadas ao papel das experiências práticas na constituição dos saberes docentes, assim como da RP na formação docente.

---

<sup>1</sup> Graduanda pelo Curso de Química da Universidade Federal – UFMG, [robertarochelleandre@gmail.com](mailto:robertarochelleandre@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda pelo Curso de Química da Universidade Federal – UFMG, [vanessabento@gmail.com](mailto:vanessabento@gmail.com);

<sup>3</sup> Preceptor do PRP: Mestre, Universidade Federal de Minas Gerais - MG, [michel.ferreira@educacao.mg.gov.br](mailto:michel.ferreira@educacao.mg.gov.br);

<sup>4</sup> Professora Orientadora: Doutora, Universidade Federal de Minas Gerais - MG, [stefannieibraim@ufmg.br](mailto:stefannieibraim@ufmg.br);

A atividade em questão, foi desenvolvimento no contexto da RP núcleo de química de uma Universidade Pública Federal, em uma escola pública. A atividade foi elaborada por um grupo de 5 residentes e o preceptor (professor supervisor da residência pedagógica), porém as reflexões se referem apenas duas residentes.

Em relação ao contexto de realização, a atividade foi realizada em 5 turmas de 3º ano e 3 turmas de 2º ano do ensino médio e, antes da discussão do caso em sala, foram conduzidas duas outras atividades baseadas, respectivamente, na estratégia de leitura mediada, escolhida frente às dificuldades de leitura e interpretação manifestadas pelos estudantes, e de experimentação, visando abordar os princípios químicos envolvidos no instrumento do bafômetro. A partir de reflexões sobre o contexto dos estudantes, optamos por não usar o caso como ponto de partida da discussão, porque eles tinham pouca experiência com atividades interativas e argumentativas. Assim, buscamos criar um diálogo mais aberto, que pudesse mobilizar as concepções dos estudantes e trazer elementos em que eles pudessem se basear, para que a decisão não estivesse centrada, apenas, nas opiniões pessoais ou experiências cotidianas anteriores, provocando maior criticidade na avaliação do caso/dilema. Somado a isso, a avaliação do caso e a construção de uma solução para o dilema final proposto foram direcionadas por um conjunto de questões, que visava instruí-los a entender a problemática e relacionar os conhecimentos trabalhados anteriormente. Dentre as questões, a última propunha a construção de um material destinado a conscientização sobre os perigos de dirigir alcoolizado.

Para a construção do relato relacionado ao ciclo pedagógico planejar-ensinar-refletir, nos pautamos nas reflexões que foram subsidiadas por observações anotadas, durante a ação e nos momentos de planejamento e por narrativas descritivas escritas para a supervisora do núcleo. Nessas narrativas, além das percepções durante a realização da sequência, foram solicitadas descrições e reflexões sobre os sentimentos, anseios e expectativas envolvidos. Somado a isso, foram realizadas reuniões de grupo para promover uma discussão sobre todo o processo.

A ação de planejar uma atividade envolvendo um caso foi pensada a partir de duas demandas observadas anteriormente pelo preceptor e pelos residentes, a necessidade de trabalhar a leitura com os estudantes e as discussões sobre a temática do uso de álcool, temática prevista para o 3º ano e relacionada ao conteúdo de Química Orgânica. O tema álcool, também, ia ao encontro das atividades propostas pela Secretária de Estado de Educação de Minas Gerais para a discussão do uso/abuso de álcool e outras drogas. Dessa

forma, procuramos construir um caso que incentivasse os alunos a participarem da atividade, por meio da aproximação com a realidade deles.

A partir disso, o tema abordado no caso foi “Ingestão de álcool e direção, combinam?”. Isto porque, apesar de proibida a venda e consumo de bebidas alcoólicas por menores de idades e dirigir sobre efeito de álcool, na realidade os estudantes lidam com essas situações, seja a partir de vivências pessoais ou de terceiros (COELHO; MONTEIRO, 2019). Logo, nosso objetivo era explorar aspectos para além da dimensão conceitual, como funções orgânicas e cálculo de concentração, e discutir o problema central com os estudantes, sem adotar uma perspectiva proibicionista, como ainda tem sido realizado em muitas escolas (COELHO; MONTEIRO, 2019).

A narrativa do caso inicia com poema “E agora José?” de Carlos Drummond de Andrade e segue contando a história de José Augusto, um adolescente que resolve sair para um baile com seu primo, Samuel, e a namorada do primo, Luana. Com a promessa de não beber, Samuel vai ao baile como motorista do grupo, mas, com o passar da noite, ele descumpra o combinado. Ao final, em uma discussão, José tenta convencer seu primo a não dirigir alcoolizado e Luana contra-argumenta. Durante o diálogo, são apresentados vários argumentos que são popularmente utilizados em relação ao consumo de álcool. Ao final, por meio de uma questão, os estudantes são instigados a se posicionarem sobre o dilema, com base nos conhecimentos discutidos nas atividades anteriores (leitura mediada e experimentação).

Diante disso, ressaltamos que a partir da discussão, buscávamos incentivar o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades dos estudantes, uma vez que o trabalho com casos pode contribuir para melhoria de habilidades como identificação de dados, trabalho em grupo, comunicação oral e resolução de problemas (SÁ; FRANCISCO; QUEIROZ, 2007). Nesse sentido, apontamos que tornar a sala de aula um ambiente mais interativo e potencial para o desenvolvimento de habilidades, não foi uma tarefa fácil. Mesmo as residentes conhecendo, em partes, a realidade dos alunos, apenas o fato do caso dialogar com a realidade deles e terem sido realizadas questões que os conduzissem em todo processo não foram suficientes para assegurar o engajamento dos alunos, como discutido ao longo dos resultados.

Visando favorecer a participação dos estudantes, para a mediação do caso, uma versão impressa do texto foi distribuída para cada discente. Por conseguinte, a leitura do caso foi realizada em conjunto com a sala, de maneira interativa, sendo cada personagem da história interpretado por alguns alunos. Posteriormente, os estudantes se organizaram em grupos, leram o texto mais uma vez e discutiram o mesmo a partir de questões propostas pelo

preceptor e residentes. Por fim, as respostas construídas e registradas no caderno foram apresentadas de forma criativa por eles, como a partir de um vídeo, desenho e paródia.

Durante a realização da atividade em sala, observamos que a recepção dos alunos foi muito diferente. Em algumas turmas, os estudantes se mostraram mais engajados, enquanto em outras isso era pontual. Esperávamos que, por ser uma atividade em grupo e pelo tema, a interação e a discussão fossem maiores. Apesar das residentes terem reforçado a importância da discussão, esse movimento não foi natural. Durante as aulas, as residentes buscavam circular pelos grupos, perguntando sobre o andamento, mas, mesmo frente a isso, não houve muitas mudanças de postura. Acreditamos que isto, pode ter sido reflexo da: pouca experiência dos estudantes com atividades abertas que demandem a participação deles; falta de repertório das residentes em sala para contornar a situação, o que acabou gerando um sentimento de impotência frente à situação; e, baixa interação entre os residentes que conduziam as discussões em duplas/grupos.

Observamos que o engajamento discente interferiu nos resultados obtidos, porque houve uma grande diferença nos resultados dos grupos. Em algumas turmas, os alunos finalizaram atividades com propostas de conscientização abordando o que havia sido trabalhado, apresentando *posts* para o *Instagram*, panfletos, vídeos de encenação, entre outros. Por outro lado, alguns estudantes apresentaram apenas respostas curtas escritas no caderno, sem retomar os aspectos discutidos. Diante disso, apontamos que há uma grande diferença entre o que é almejado no planejamento e o que ocorre em sala de aula. Isto porque, apesar do caso ter sido elaborado com o objetivo de introduzir nas salas de aulas atividades que possibilitassem uma participação mais ativa dos estudantes e maior engajamento deles nas discussões, isto não foi possível em todas as turmas.

Ademais, observamos que a forma como as residentes conduziram as discussões influenciaram diretamente na participação dos estudantes. Em geral, observamos maior engajamento dos alunos nos casos em que foram feitas mais questões a eles sobre o problema. Diante disso, refletimos sobre como é fundamental a vivência real de sala de aula para avaliação das atividades planejadas.

No momento da leitura, por meio de comentários dos alunos, foi possível perceber que a narrativa se aproximava bastante da realidade deles e até mesmo de experiências pessoais vividas. Acreditamos que essa proximidade influenciou a forma com que os alunos participaram, mas não foi um fator determinante, porque o engajamento oscilou nas diferentes turmas. Entretanto, isso chamou a atenção para a importância do olhar atento do professor

para aspectos do cotidiano dos alunos, para a necessidade de estabelecer o diálogo em sala e a importância de valorizar outros conhecimentos e discussões para além da esfera conceitual.

A partir das reflexões sobre a realização da atividade, notamos algumas dificuldades relacionadas à experiência das residentes em conduzir as discussões. Além de terem pouco contato com sala de aula, as licenciandas experienciaram a divisão da condução com os outros residentes. A nosso ver, isso pode ter provocado algumas divergências, refletindo na maneira com que a atividade foi realizada ou na forma com que os grupos foram acompanhados e, conseqüentemente, nos resultados observados em sala. Destacamos que, mesmo observando alguns problemas ao longo da aula, mudanças não foram feitas ou iniciativas foram tomadas para contornar as dificuldades. Isto pode ser um indício de que o processo reflexivo durante a ação não ocorreu ou ocorreu de forma pouco satisfatória, visto que o curso da ação planejada não foi alterado. Além disso, consideramos que os diferentes saberes docentes dos residentes podem ter influenciado suas ações em sala de aula e podem ter refletido no sentimento de autonomia de cada um.

Por fim, considerando o ciclo pedagógico (planejar-ensinar-refletir) vivenciado, consideramos que esta experiência contribuiu para que as residentes pudessem mobilizar seus saberes docentes em contextos reais de ensino, favorecendo a sua formação profissional e a criação de vínculo com a futura profissão. Ademais, salientamos que a RP representou um espaço significativo para a articulação escola-universidade, ao possibilitar a atuação de licenciandos em salas de aulas reais e ao engajá-las em processos reflexivos sobre a prática.

### **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos a CAPES pelo financiamento.

### **REFERÊNCIAS**

- COELHO, Francisco José Figueiredo; MONTEIRO, Simone. Como abordar o uso do álcool no ensino de Química e demais Ciências Naturais? Perspectivas educativas centradas na redução de danos. Revista de Educação, Ciências e Matemática, v. 9, n. 1, p. 129-142, jan./abr. 2019
- IBRAIM, S. de S.; GUIMARÃES CORRÊA, R. Reflexões sobre a Prática Docente e o Programa Residência Pedagógica sob os Olhares dos Residentes. Revista Debates em Ensino de Química, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 243–263, 2023. DOI: 10.53003/redequim.v9i2.5188. Disponível em: <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/REDEQUIM/article/view/5188>. Acesso em: 15 ago. 2023.
- SÁ, Luciana Passos; FRANCISCO, Cristiane Andretta; QUEIROZ, Salete Linhares. Estudos de caso em química. Química Nova, [S.L.], v. 30, n. 3, p. 731-739, jun. 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-40422007000300039>.
- SCHÖN, D. A. The Reflective Practitioner – How professionals think in action (2nd ed.). Ashgate, 1991.
- Tardif, Maurice (2014). Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Editora Vozes.